

# É Del.icio.us estar na rede: ideologia e discurso do sujeito navegador

Lucília Maria Sousa Romão e Vivian Lemes Moreira

## Resumo

Este trabalho tem como intento discutir as novas formas de organização dos recursos digitais inscritas pelo sujeito-navegador na rede eletrônica. Apresentamos o novo termo nomeado folksonomia, que se trata da tradução do termo *folksonomy* – um neologismo criado por Thomas Vander Wal a partir da junção das palavras *folk* e *taxonomy*. O termo surge no contexto da web 2.0, que é caracterizada pela organização e ampliação das formas de produção de dizeres e arquivos pelo sujeito na malha digital. A partir dos pressupostos conceituais da Análise do Discurso de filiação francesa, analisamos a forma como o sujeito tem instalado a sua voz, produzindo sentidos na Internet a partir da folksonomia. Investigamos as condições de produção do discurso eletrônico, as marcas ideológicas que fazem parecer evidentes certos sentidos e a forma que o sujeito tenta controlar os sentidos das palavras, esquecendo-se que os mesmos estão aquém e além de seu controle.

### Palavras-chave

Folksonomia. Sujeito. Ideologia. Web 2.0. Internet.

## 1 Introdução

O artigo presente vem refletir sobre o discurso eletrônico marcado por uma nova forma de inscrição do sujeito-navegador na Internet, especialmente aquele materializado no site de social bookmarking: *Del.icio.us*. Analisaremos a forma que o sujeito-navegador instala sentidos sobre o político/agrário através das *tags* que indexam o site do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST no *Del.icio.us*, observando como a topologia labiríntica da Internet possibilita que um mesmo link receba iguais ou diferentes nomeações, podendo ser organizado por sujeitos que passam a significar seus favoritos, seus arquivos, suas palavras de outro modo. Inicialmente falaremos da Internet em relação à Web 2.0 e do surgimento da folksonomia nesse contexto; depois, investigaremos a forma que o sujeito tem atribuído sentidos às *tags*, buscando flagrar as marcas ideológicas, as rupturas e os deslizamentos de sentidos através das análises das seqüências discursivas. Por fim, faremos um passeio por algumas marcas linguísticas

Lucília Maria Sousa Romão | lucilamsr@ffclrp.usp

Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo – USP.  
Professora da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – USP.

Vivian Lemes Moreira | viviannlk@gmail.com

Aluna do Curso de Ciências da Informação e Documentação da Universidade de São Paulo – USP. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

materializadas nos *tags* sobre o site disponível no endereço <http://www.mst.org.br/mst/home.php>, interpretando os movimentos de sentido dos sujeitos capturados pelo mecanismo de interpelação ideológica.

## 2 Uma questão de e para o discurso

Para confecção desse artigo, temos como base teórica a Análise do Discurso de filiação francesa, já que está em nosso horizonte investigar a forma como o sujeito tem instalado a sua voz, produzindo sentidos na Internet a partir da folksonomia. Abordaremos a discursividade eletrônica a partir da noção de sujeito, pontuando as marcas ideológicas que fazem parecer evidentes certos sentidos e a forma como o sujeito tenta controlar os sentidos das palavras na rede, esquecendo-se que os mesmos estão aquém e além de seu controle. A Análise do Discurso (AD) de filiação francesa surge como um dispositivo teórico que possibilita ao sujeito a analisar o discurso com um outro olhar, diferente da simples decodificação de um texto.

A Análise do Discurso de filiação francesa, que tem sua origem nos anos 60, surge em um contexto intelectual afetado por duas rupturas. De um lado, com o progresso da lingüística, era possível não mais considerar o sentido apenas como conteúdo. Isto permitia à AD não visar o que o texto quer dizer (posição tradicional da análise de conteúdo face a um texto), mas como um texto funciona. (ORLANDI, 2005, p. 20).

A teoria da AD une reflexões sobre texto e história, articulando a Lingüística, o Marxismo

e a Psicanálise. De acordo com Orlandi (2005, p. 110), por pressupor a Lingüística é que a AD passa a ser mais específica quanto ao tratamento da linguagem nas metodologias aplicadas nas Ciências Humanas. Essa teoria tem como cerne a língua e a forma que ela produz sentidos, o que permite analisar o discurso além das palavras, ensinando-nos a ler pelas entrelinhas, pois “sua finalidade é explicitar como um texto produz sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 23). A teoria da AD nos ajuda a entender os movimentos do sujeito na rede eletrônica, já que tem como preocupação observar os processos históricos de atribuição de sentidos focando o sujeito como um pilar importante para a compreensão do funcionamento da linguagem. Segundo Orlandi (2005, p. 130): “O sujeito se submete à lingua(gem) – mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar(se) – em um gesto, um movimento sócio- historicamente situado em que se reflete sua interpelação pela ideologia”.

O sujeito é a todo tempo interpelado pela ideologia, esta que é definida como um mecanismo que torna os sentidos naturais e transparentes para ele na posição que ele ocupa. Dessa forma, a ideologia provoca a naturalização de um conjunto de representações, saberes e dizeres possíveis para o sujeito em um certo momento, fazendo parecer óbvio que se diga de um modo e não de outro, que se utilize uma palavra ao invés de outra.

A modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar interpelação, ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção (ou naquela categoria, camada ou fração de classe ligada a uma delas). (PÊCHEUX; FUCHS, 1990, p. 166).

Ao falar de ideologia, Pêcheux cita duas formas de esquecimento no discurso: no esquecimento um, o sujeito tem a ilusão de ser o criador, o produtor do seu discurso, a origem dos sentidos. Segundo Orlandi (1999, p.21), “por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes”. Dessa forma, o sujeito apaga tudo que remete ao exterior de sua formação discursiva (FD). O que chamamos de formação discursiva (FD) é a projeção, na linguagem, das formações ideológicas (FI) que sustentam o que pode e/ou deve ser dito dentro de uma determinada conjuntura. A FD é “aquilo que, numa formação ideológica dada, ou seja, a partir de uma posição dada e em uma conjuntura sócio-histórica dada, determina o que pode e deve ser dito” (PECHÊUX; FUCHS, 1990, p. 166).

Em relação ao esquecimento dois, o sujeito tem a ilusão de que tudo que ele diz, todas as palavras que ele pronuncia, tem apenas um significado, um sentido uno, esquecendo-se que outras palavras poderiam ser ditas ali naquele lugar e também esquecendo-se de que existem outros

sentidos possíveis de dizer. Esquecendo-se disso, o sujeito fala como se existisse uma relação termo a termo entre as palavras e as coisas, entre a linguagem e o mundo, deixando de lado a máxima de que os “os sentidos nunca se dão em definitivo; existem sempre aberturas por onde é possível o movimento da contradição, do desdobramento e da polêmica” (GREGOLIN, 2000, p. 61). As bases teóricas da Análise do Discurso apresentadas até aqui nos ensinam que os sentidos instituídos pela posição-sujeito não são uniformes tampouco homogêneos, pois eles configuram-se como heterogêneos, divididos entre o que foi dito e o que foi silenciado, entre o que é significado em um momento e o que já foi significado antes. Assim, a heterogeneidade do discurso se dá, em uma relação interior e exterior ao próprio discurso do sujeito que, ao enunciar uma palavra, apóia-se em dizeres já ditos em outros momentos sociais, já enunciados antes por outrem.

[...] somente o Adão mítico, abordando com sua primeira fala um mundo ainda não posto em questão, estaria em condições de ser ele próprio o produtor de um discurso isento do já dito na fala do outro. Nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’. (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 27).

Podemos inferir que a rede eletrônica possui um caráter heterogêneo devido às diversas vozes que vão tecendo (n)essa rede, lançando-nos para a emergência de novos sentidos, de outros processos de significação e também

possibilitando uma maneira diferente de assunção da subjetividade. Os conceitos apresentados até aqui nos ajudam a analisar a maneira que o sujeito-navegador vem produzindo dizeres e atribuindo sentidos na rede eletrônica, através do processo de folksonomia, pois consideramos que esse processo emerge em novas condições de produção dadas pela Internet e pela fluidez de sua topologia. Ressaltamos também que a relação do sujeito com a linguagem é alterada nos âmbitos do que Orlandi (1999) chamou de formulação, constituição e circulação. Dessa forma, podemos dizer que a alteração realizada no âmbito da formulação ocorre devido aos novos modos de dizer que se irrompem; já no âmbito da constituição a alteração é realizada na medida em que a memória – interdiscurso – é recortada de uma maneira diferente, já que é mediada pela tecnologia; e finalmente na circulação, já que os meios de fazer circular os dizeres também permitem novas formas de organização dos arquivos e de promoção da exposição dos mesmos. Temos, então, a web 2.0 como um lugar discursivo em cuja teia novas condições de produção dos dizeres são inscritas.

### 3. Web 2.0: novas condições de produção dos dizeres em rede

O termo Web 2.0 surgiu na conferência *brainstorming session*<sup>1</sup> com um debate entre Tim O'Reilly e MediaLive International a fim de discutir os novos rumos da Internet. A partir

daí, estudiosos de todo o mundo começaram a refletir sobre esse novo termo, que não é denominado como uma tecnologia, mas sim um termo designado a um conjunto de conceitos que mudou a forma de pensar e construir a Internet. A Web 2.0 trata-se de um sistema de serviço online, caracterizado pela forma de compartilhamento, organização e ampliação das formas de publicação de dizeres e arquivos na Internet. Ela foi a mudança na qual a Internet passou a ser utilizada como plataforma de serviços, ou seja, antes as funcionalidades e aplicações da web eram oferecidas apenas através do browser do computador, e com a Web 2.0, elas passaram a ser oferecidas através de web services. Segundo Tim O'Reilly (2005), o requisito essencial para a funcionalidade da Web 2.0 é o desenvolvimento de aplicativos que saibam aproveitar os efeitos de rede para se tornarem melhores. Os exemplos seriam o *Flash* e o *AJAX*, onde o Javascript, o XML e o CSS trabalham de forma satisfatória, oferecendo diversas vantagens ao internauta, tais como um menor tempo de resposta e funções. Um dos pontos mais fortes exaltados por O'Reilly (2005) sobre a Web 2.0 é o seu conteúdo colaborativo, onde a criação e distribuição de conteúdo na web passou a ser realizada pelo sujeito-navegador, definindo o caráter heterogêneo da rede. Mais adiante, nas análises, veremos quão heterogêneas são as palavras na rede e como esse emaranhado

<sup>1</sup> Entendemos esta expressão como uma discussão febril e não necessariamente organizada de idéias sobre um assunto.

de palavras fazem circular sentidos na teia eletrônica. Segundo Primo (2007, p.21): “A Web 2.0 tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática”.

Os sites construídos dentro do contexto da Web 2.0 têm a maior parte de seu conteúdo constituído pelo sujeito-navegador que, através da sua experiência de interatividade na rede eletrônica, vai construindo dizeres e arquivos, pois esse sistema conta com ferramentas de publicação ao alcance do sujeito-navegador. Calçados nesse princípio participativo, temos exemplos sites como *Youtube*, *Del.icio.us*, *Flickr*, *Wikipedia*, entre outros espalhados pela rede eletrônica. Nessa direção, também estão em movimento weblogs que atualmente já passam dos 60 milhões na rede eletrônica, segundo estatísticas da *Technorati*. Tudo isso faz falar uma tagarelice on-line, ou seja, um lugar discursivo em que o sujeito-navegador participa, atua, assume o lugar de esquireitor (OLIVEIRA, 2007), ou seja, de um sujeito que lê e escreve simultaneamente com voracidade. Uma marca disso tem relação com o fato de que é cada vez maior, no portais eletrônicos, a dependência da interação com esses sujeitos, a necessidade de sua voz e o registro de sua passagem pelos links deixando como rastro suas palavras. Além de promover a interação do sujeito-navegador com os arquivos digitalizados

e potencializar a publicação e a circulação de informações na Internet, a Web 2.0 introduz ainda um novo processo em organização e recuperação dos recursos digitais inscritos pelo sujeito-navegador na rede eletrônica, denominado folksonomia.

#### 4. Folksonomia: um significante novo

O termo folksonomia é um neologismo criado por *Thomas Vander Wal*, no ano de 2004, em meio a discussões sobre Arquitetura da Informação. Esse neologismo foi desenvolvido através da junção das palavras *folk* (povo, pessoas) e *taxonomia* (regra de divisão). A folksonomia é a prática de categorização colaborativa das informações na malha digital utilizando *tags*. Segundo Vander Wal (2005, tradução nossa): “A Folksonomia é um método para as pessoas etiquetarem objetos (sites, fotos, vídeos, podcasts, etc., basicamente tudo que possui um endereço na Internet) usando seu próprio vocabulário, então dessa forma é fácil para eles acharem aquela informação novamente.”

As *tags* são como palavras-chave atribuídas pelo sujeito-navegador para indexar de forma livre a informação ou partes de informação, e atribuir sentidos que ele deseja em conteúdos da malha digital, utilizando linguagem natural, ou seja, linguagem e vocabulário do próprio sujeito-navegador. Esse processo é diferente da indexação tratada no âmbito da Ciência da Informação e Biblioteconomia, onde há uma



metodologia para a realização da indexação de assunto em um documento (LANCASTER, 2004), passando por duas etapas: Análise conceitual – definição dos assuntos que são tratados no documento; e Tradução – conversão dos conceitos identificados na análise para uma linguagem de indexação, ou seja, para uma linguagem de especialidade na qual o profissional da informação traduz os conceitos extraídos do documento para a linguagem utilizada no sistema. Neste artigo abordaremos o processo pelo qual o sujeito-navegador constrói as *tags* para atribuir sentidos ao conteúdo de sua escolha na web, processo este realizado por meio da folksonomia. Em virtude da folksonomia (taxonomia do povo) ser realizada por qualquer pessoa que se habilita a criar uma *tag* e postá-la na rede, ela não tem como princípio o controle terminológico, ou seja, ela não tenta controlar os sentidos, como em um sistema de informação, onde o controle tenta ser realizado por meio de um vocabulário controlado ou até mesmo um tesauro<sup>2</sup>. Segundo Mathes (2004, p. 7, tradução nossa):

Talvez, a maior importância da folksonomia é que ela reflete diretamente o vocabulário de seus usuários [...] a folksonomia representa uma mudança fundamental não no que se deriva dos profissionais ou dos criadores, mas dos usuários dessas informações e documentos. Dessa forma, ela reflete diretamente nas escolhas dos usuários em dicção, terminologia, e precisão.

Através da folksonomia, é possível notar os movimentos do sujeito-navegador na rede eletrônica, pois, segundo Castells (1999, pág 255), a Internet “é um meio de comunicação, de interação e de organização social”. E a folksonomia tem mostrado o modo como o sujeito-navegador vem organizando suas informações na rede, a forma como ele tem interagido na web, deixando evidências de suas marcas lingüísticas e ideológicas e pelos sentidos que ele atribui aos dizeres que circulam na malha digital. Segundo dados publicados pelo *Instituto Pew Research* em um projeto denominado, *Internet & American Life Project*, 28% dos Americanos conectados à Internet tem utilizado o método da folksonomia para organizar conteúdos particulares na web, por meio das *tags*.

As *tags* funcionam como etiquetas e são criadas e postadas no ambiente social da web. Ao clicar na *tag*, ela irá remeter o sujeito-navegador a um link e este abordará o conteúdo da *tag* que lhe foi atribuído. Além dessas etiquetas servirem como mecanismo para a organização dos conteúdos na rede eletrônica, permitem ser compartilhadas com outros sujeitos-navegadores. Então, a partir do momento que o sujeito constrói uma *tag* sobre algum conteúdo da web, essa mesma estará exposta com o respectivo link para que outros sujeitos-navegadores tenham acesso; pode ocorrer

<sup>2</sup> Segundo Gomes e Campos (2004, p. 4) tesauro é o “vocabulário de uma linguagem de indexação controlada organizada formalmente explicitando ‘a priori’ relacionamentos entre os conceitos (por exemplo, ‘mais geral’ e ‘mais específico)’”.

de alguém utilizar essa mesma etiqueta e acrescentar mais outras para identificar esse link também, ou até mesmo utilizar o mesmo link e indexá-lo com outra *tag*, no caso esse outro sujeito atribuiu outros sentidos que ele achou conveniente ao conteúdo do link. No site da *Technorati.com*, um dos maiores em blog no mundo, há um espaço reservado em sua primeira página onde fica exposta uma “*tag cloud*” (traduzido para o português, “*nuvem de tag*”) onde concentram-se as *tags*

mais utilizadas pelos sujeitos-navegadores no momento. A partir daí, pode-se notar não apenas quais os assuntos e/ou informações estão em foco na rede eletrônica, dentro do sistema da *Technorati.com*, mas sobretudo como palavras são usadas para designá-los, nomeá-los, dizendo sobre o dito. Com um click, é possível ter acesso a uma página onde há vários links que utilizaram essa etiqueta. As *tags* que estiverem em destaque dentro da nuvem, são as de maior ocorrência no momento.

7/19

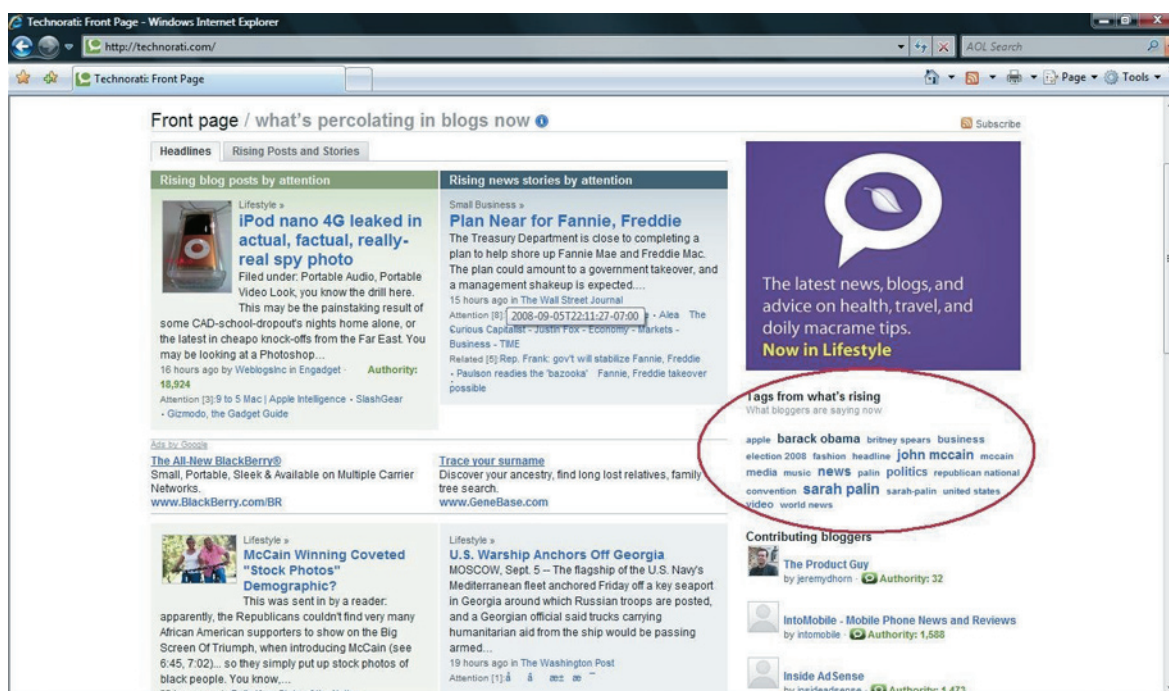


Figura 1: <http://technorati.com/>

Segundo Wang, Bai e Liao (2007, p. 314, tradução nossa), “os rótulos são comuns como as etiquetas e o processo de rotulação é chamado de etiquetagem”. O processo de

*tagging* foi criado pelo programador Joshua Schachter, que foi o responsável pela criação do Web site *Del.icio.us*, que discutiremos logo abaixo.

## 5 Del.icio.us: arquivos guardados de outro modo

O termo folksonomia se tornou conhecido por meio do site de social bookmarking *Del.icio.us* e o site de fotos *Flickr*. Na época que foram lançados os referidos websites, os profissionais da área da Informática e Arquitetura da Informação ficaram instigados sobre a estratégia de organização inovadora que *Del.icio.us* e o *Flickr* adotavam, e a partir de discussões chegou-se ao termo folksonomia, que já foi abordado neste artigo. O *Del.icio.us* foi desenvolvido a partir de necessidades pessoais de seu criador, Joshua Schachter, que possuía cerca de 20.000 links guardados num arquivo de texto organizados sistematicamente através de etiquetas (*tags*), e, quando ele queria alguma informação que constava em seus arquivos, era somente recuperar os links. A idéia foi crescendo e tomando dimensões, então Joshua Schachter construiu um website chamado Muxway para compartilhar seus links com amigos e abriu o site para que seus amigos também pudessem compartilhar links. No ano de 2003, Joshua Schachter, satisfeito com os resultados do Muxway, lança o site *Del.icio.us*. *Del.icio.us* é um serviço de social bookmarking de armazenamento de links favoritos. Segundo Lomas (2005 *apud* COUTINHO, 2008):

[...] o social bookmarking acrescenta uma enorme mais-valia ao processo de recolha e categorização da informação, uma vez que permite

também a partilha e seleção dos recursos entre uma rede de utilizadores, modificando por completo a forma como se processa a interação entre utilizadores da web, e entre estes e os recursos informativos.

O *Del.icio.us* permite que o sujeito-navegador armazene e acesse seus links favoritos como a ferramenta “favoritos” do Internet Explorer, mas existem algumas diferenças como veremos a seguir, o que modifica não apenas o modo de organização dos dizeres, mas também o modo de constituição e circulação dos mesmos, visto que o sujeito passa a ter uma outra relação com as palavras. Através desse social bookmarking, o sujeito-navegador pode acessar seus links favoritos de qualquer computador – desde que o mesmo esteja conectado à rede –, bem como ver os links favoritos armazenados por outros sujeitos-navegadores do sistema. Ele também possibilita, desta forma, que o sujeito-navegador verifique quais outros internautas também utilizaram o mesmo link como favorito. A organização destes favoritos é feita a partir das *tags* criadas pelo sujeito-navegador, por meio da folksonomia. Na página do *Del.icio.us*, há uma definição dada seu pelo seu próprio criador, Joshua Schachter, (2007, tradução nossa) de como funciona o sistema:

Delicious é um serviço de Social Bookmarking, o que significa que você pode salvar seus marcadores online, compartilhá-los com outras pessoas, e ver o que as outras pessoas estão marcando. Isso também significa que nós podemos mostrar a vocês o marcador mais popular, que vem sendo salvo agora nesse momento, em várias áreas de interesse. Complementando, nosso sistema de pesquisa



e ferramentas de etiquetagem ajuda você a guardar sua trajetória na coleção de marcadores e a achar novos marcadores de pessoas como você.

O *Del.icio.us* é um sistema gratuito de armazenamento de sites favoritos, que permite ao sujeito-navegador cadastrar-se e criar uma conta. A partir daí, ele pode armazenar links de seu interesse e criar *tags* que nomeiam e inscrevem sentidos aos links escolhidos. Não há limite para o número de *tags*, isso vai depender de quantos sentidos o sujeito-navegador julgar necessários para descrever, designar, nomear ou situar o link. Os leitores do sistema podem possuir os mesmo links em seus favoritos, mas não necessariamente nomeados do mesmo modo, o que implica dizer que uma mesma página eletrônica pode ser discursivizada de diferentes modos, ou seja, o mesmo arquivo digitalizado pode receber diferentes nomes. O sujeito-navegador pode clicar na *tag* de outro leitor do sistema e ver se ele utilizou o mesmo nome para descrever os links no seu favorito.

Ocorre, então, que os mesmos arquivos eletrônicos passam a circular nomeados de diferentes (ou iguais) modos, o que permite ao leitor atribuir uma *tag* a um site e ver essa mesma *tag* na lista ao lado direito de seus próprios favoritos. Caso o sujeito-navegador queira (re)utilizar essa *tag* para descrever o conteúdo de outro site dentro de seus próprios favoritos, ele poderá fazê-lo. Existe uma opção no *Del.icio.us*, na qual o sujeito-navegador pode criar suas *tags* e ter acesso aos seus links

favoritos sem que eles sejam expostos e vistos por outros sujeitos que se inscrevem no sistema; isso nos permite inferir que há muitos arquivos discursivos na rede eletrônica. Entendemos arquivo discurso ao modo do que Pêcheux (1997) afirma ser um campo de documentos sobre uma certa questão, ou seja, a malha eletrônica apresenta diversos campos de documentos ordenados e inseridos dentro de um Arquivo (ROMÃO; BENEDETTI, 2008, p. 4), dessa forma a rede eletrônica passa a funcionar como um grande arquivo, onde pode ser encontrado a soma das discursividades dos arquivos eletrônicos percorridos pelo sujeito, definido assim pelas autoras:

[...] a rede como um Arquivo, assim marcado pela letra maiúscula, posto que nele vários arquivos discursivos estão ordenados e dispersos, entremeados e costurados em uma única página (ou soltos em várias delas), sempre encadeados em rede. Se tomarmos arquivo discursivo como um campo de documentos sobre certa questão, tal qual a perspectiva discursiva o entende, temos na rede eletrônica uma articulação imensa de arquivos em movimento, arquivos que podem ser inseridos, retirados, envelhecidos, deslocados, adulterados e modificados ao modo como o sujeito discursivo estabelece com eles uma relação de leitura e escritura.

Assim, no geral, o *Del.icio.us* tem como intuito o compartilhamento de dados, de textos de diferentes materialidades, enfim de campos de documentos sobre uma certa questão, ao modo que Pêcheux (1994) definiu como arquivo. Esse lugar discursivo permite que o sujeito possa realizar pesquisas, capturar links de seu interesse, dizer a outros por meio dos seus

próprios favoritos, instalar(-se) na rede eletrônica um ambiente heterogêneo em que várias vozes se entrecruzam e em que vários sentidos dispersos encontram-se nomeadores dos mesmos *tags*. Temos, então, no site *Del.icio.us*, um ordenamento discursivo marcado pelos movimentos dos sujeitos, o que para nós é bastante significativo, já que sentidos e sujeitos movimentam-se ao sabor das redes de memória

## 6 Análise de dados: o sujeito e o sentido

Nesta seção analisaremos discursivamente o site de social bookmarking *Del.icio.us*, tendo como intento interpretar a forma como o sujeito-navegador tem inscrito os sentidos sobre o político/agrário através das *tags* que indexam o site do MST (<http://www.mst.org.br/mst/home.php>) no *Del.icio.us*.

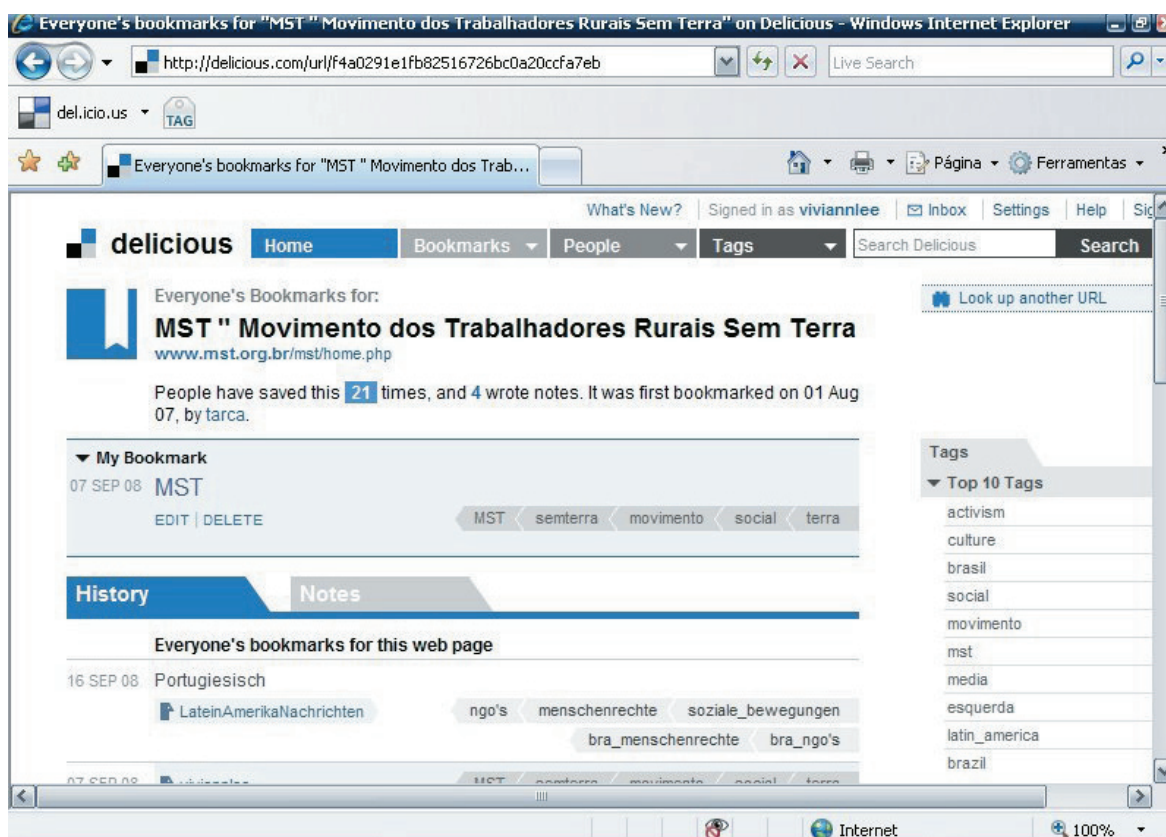


Figura 2: <http://delicious.com/url/f4a0291e1fb82516726bc0a20ccfa7eb>

Na figura 2 acima, temos a página do *Del.icio.us*, que guarda o link onde está indexado o site do MST (<http://www.mst.org.br/mst/home.php>). A página mostra que 21 membros do *Del.icio.us*, indexaram essa página como seu favorito. Isso

vem confirmando o caráter heterogêneo da rede eletrônica (MOREIRA; ROMÃO, 2008) no contexto da Web 2.0, marcando uma entre outras maneiras de compartilhamento, organização e ampliação das formas de publicação de dizeres e

arquivos na Internet. Na figura 3 abaixo, no canto à esquerda é possível visualizar a data na qual o site foi inserido no *Del.icio.us*, e logo mais a frente da data é possível visualizar o nome do sujeito-navegador cadastrado no sistema, e a direita são as *tags* inscritas por ele; onde podemos notar a heterogeneidade dos dizeres através das marcas lingüísticas deixadas pelos sujeitos-navegadores, advindas de diferentes Formações Discursivas (FD). Segundo Orlandi (2005, p.115): “Todo texto é heterogêneo do ponto de vista de sua constituição discursiva: ele é atravessado por diferentes formações discursivas, ele é afetado por diferentes posições do sujeito, em sua relação desigual e

contraditória com os sentidos, com o político, com a ideologia”. Rastreamento dessa tentativa de compreender a heterogeneidade de sentidos em fluxo, marcando como, no caso do *Del.icio.us*, os arquivos eletrônicos são nomeados pelos sujeitos sem que exista um modelo prévio de indexação nem um manual fechado para tal processo, mas instalando um processo de atribuição de nome que está em sintonia com alguns atributos da própria eletrônica, quais sejam, fluidez na permanência ou apagamento de arquivos, não-linearidade na organização do hipertexto, instabilidade nos percursos de acessos, fragmentação e dispersão do/no Arquivo (ROMÃO; BENEDETTI, 2008).

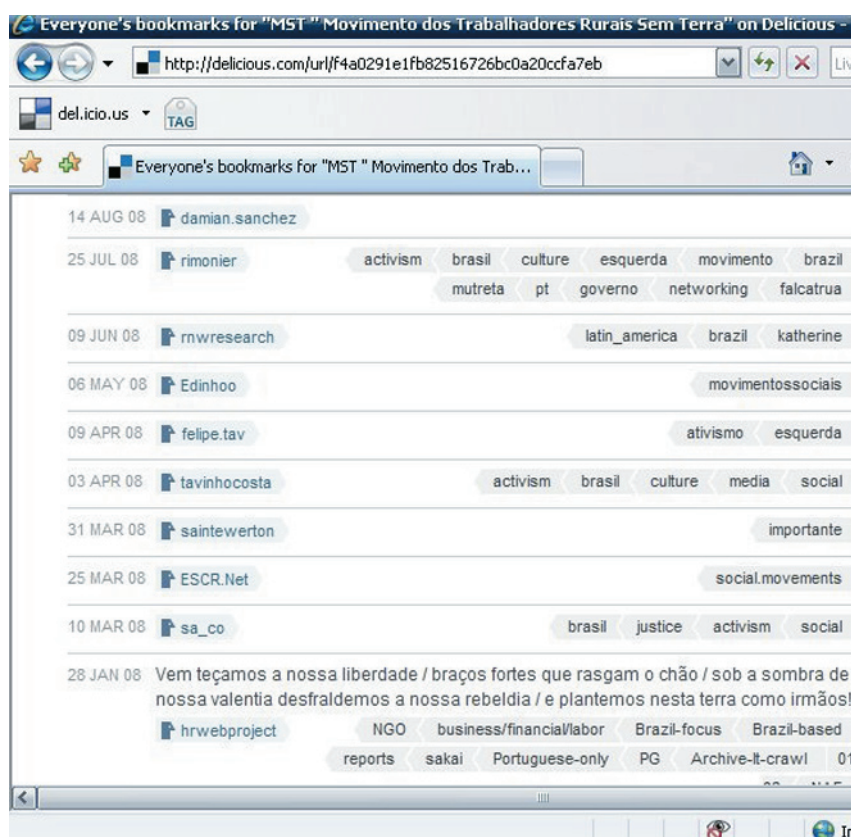


Figura 3: <http://delicious.com/url/f4a0291e1fb82516726bc0a20ccfa7eb>

Na figura 3 acima, é possível notar a presença de uma mesma palavra em idiomas diferentes, tais como “ativismo” em português e “activism” em inglês, “movimentossociais” em português e “social.moviments” em inglês. Ao clicar na *tag* “movimentossociais” e “social.moviments” pode-se ter acesso ao interdiscurso (figuras 4 e 5 abaixo), as condições sócio-históricas que essas *tags* foram criadas, e o que elas significaram em um outro momento para o sujeito na indexação do conteúdo de outro site. Agora ele retoma o já-dito e faz (re) significar a *tag* no contexto do link da página do MST. Observamos aqui que o mesmo objeto recebe diferentes modos de dizer dos sujeitos-navegadores, o que nos permite apostar na heterogeneidade de vozes e de sentidos inscritos na/pela folkosonomia, ou seja, na inscrição do sujeito discursivo ocupando diferentes posições.

Não consideramos que “movimento social” e “ativismo” são meros sinônimos, tampouco afirmamos que esses significantes remetem todos os

sujeitos às mesmas regiões da memória; “movimento social” faz falar a inscrição do reconhecimento da organização política de um grupo em prol de alguma mudança social, isso nos remete a uma memória de que há acessos desiguais em nosso país, o que justifica e sustenta o dizer de muitos movimentos tais como Movimento de Mulheres Camponesas, o Movimento de Atingidos por Barragens, entre tantos outros. O mesmo não observamos no significante “ativismo”, que recupera outros fios discursivos de outras redes de memória, quais sejam, ação ou ato pontual em prol de algo que não necessariamente aponta na direção de uma mudança das bases sociais, na denúncia de desigualdades, na organização em defesa de direitos. Exemplo disso são formulações tais como “ativistas estendem faixa no congresso em defesa da floresta”, “ativista tira roupa em reunião da OMC”, entre outras, que inscrevem o efeito de uma ação pontual para chamar atenção para um tema considerado importante, mas que não implica um movimento social.

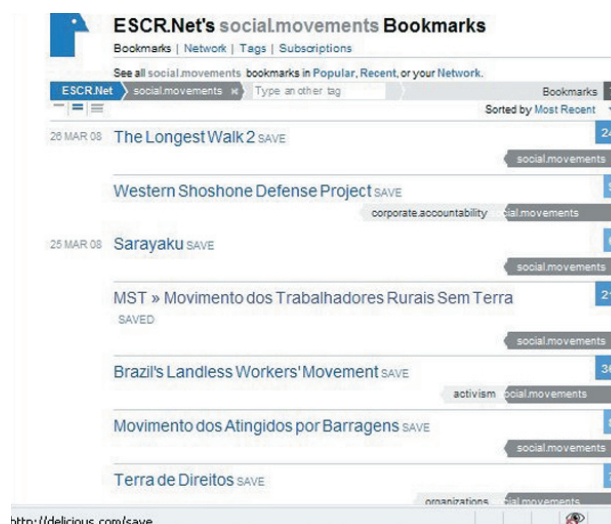


Figura 4





Figura 5

As figuras 4 e 5 acima mostram em quais outros sites, além do site do MST, foram utilizados as *tags* “movimentossociais” e “social.moviments” pelos sujeitos-navegadores do sistema *Del.icio.us*. E em ambos essas *tags* fizeram circular efeitos de diferença que estão postas como semelhança. Segundo Orlandi (2005, p. 115),

As diferentes formações discursivas regionalizam as posições do sujeito em função do interdiscurso, este significando o saber discursivo que determina as formulações. A relação do sujeito com a memória (interdiscurso), como dissemos, toma forma, se materializa na relação sujeito/autor, discurso/texto.

A Folksonomia permitiu que o sujeito-navegador instalasse diferentes sentidos para a mesma página, marcando o diferente em relação ao mesmo, no caso, em relação à página do MST.

As *tags* “falcatrúa” e “mutreta” instalam-se em um confronto de sentidos em oposição à designação da *tag* “justice” atribuída à página

eletrônica do MST por um outro sujeito-navegador. Dessa forma, o sujeito-navegador que utilizou as *tags* “falcatrúa” e “mutreta” para indexar a página do MST não conseguiria encontrar essa página se ele procurasse-a com a *tag* “justice” ou “justiça” dentro de seus próprios favoritos; isso porque esses sujeitos-navegadores discursivizam de FDs diferentes, mobilizando regiões da memória igualmente diferentes, sendo capturados por diferentes formações ideológicas. Foi possível observar que os sujeitos-navegadores que utilizaram a *tag* “esquerda” também utilizaram a *tag* “activism” e ou “ativismo”; dessa forma, temos aí uma teia de designações heterogêneas posto que, em algumas marcas lingüísticas, temos o efeito de recuperação de sentidos de luta pela terra no Brasil, sentidos que o MST assume como porta-voz de sujeitos excluídos, lutando de forma direta pela reforma agrária e pela transformação social, realizando passeatas, marchas, atos e manifestações,



enfim, ressignificando os sentidos de luta pela igualdade social e pelos direitos do cidadão (MST, 2007), caracterizando as marcas do que seria um discurso “de esquerda”. O contrário disso inscreve-se no significante “mutreta”, que ativa uma outra rede de filiação histórica dos sentidos, qual seja, a atividade de levar vantagem sobre alguém, de lesar o outro, de passar a perna, de ser desonesto. São palavras que instalam confronto e instabilidade de sentidos, heterogeneidade de vozes e contradição nos modos de o sujeito nomear o mesmo.

No *Del.icio.us*, há a opção de o sujeito-navegador deixar uma nota ou um comentário caso deseje ou ache necessário. Dentre as *tags* que encontramos, há marcas da voz de um sujeito-navegador que deixou uma nota sobre o site do MST com um trecho do Hino do Movimento, assim colando dizeres já inscritos pelo próprio movimento em um outro arquivo da rede eletrônica, mas, para saber que essa nota é o Hino do MST, é preciso que o leitor do sistema tenha acesso ao interdiscurso sobre o próprio movimento; do contrário, pode ler o trecho do Hino como se fosse apenas uma frase solta.



Tags	
▼ Top 10 Tags	
activism	6
culture	4
brasil	4
social	3
movimento	3
mst	3
media	2
esquerda	2
latin_america	2
brazil	2

Figura 6: <http://delicious.com/url/f4a0291e1fb82516726bc0a20ccfa7eb>

Na figura 6 acima podemos visualizar as 10 *tags* que foram mais utilizadas pelos sujeitos-navegadores para atribuir sentidos ao site do MST. Isso vem mostrar as diferentes formas que o sujeito tem organizado as informações na rede, através da folksonomia, utilizando a linguagem natural, sem a preocupação de controlar os sentidos e a ambigüidade. O *Del.icio.us* permite que o leitor do sistema atribua sentidos e

organize suas informações de forma livre, então algumas *tags* como “importante” e “Katherine” atribuídas ao site do MST, pode não ter significado algum para outros sujeitos-navegadores, mas para quem a criou ela deve atribuir algum sentido. Pois os sentidos estão aquém e além do controle do sujeito, mesmo ele achando que não há um outro modo de significar o site do MST. Além de suas próprias *tags*, é possível verificar que outros

sujeitos-navegadores utilizaram diferentes *tags* para significar o site, mostrando que os sentidos não são fechados, unos e transparentes; que sempre vai haver um outro modo de significar, interpretar os sentidos.

## 7 Conclusão

Fizemos um trajeto na tentativa de investigar uma nova forma de organização do arquivo dentro do Arquivo (ROMÃO, BENEDETTI, 2008), de inscrição dos recursos digitais marcados pela singularidade da voz do sujeito-navegador no site *Del.icio.us* sobre o político/agrário através das *tags*, realizadas por meio do processo de folksonomia, que indexam o site do MST (<http://www.mst.org.br/mst/home.php>). Observamos como o surgimento do suporte eletrônico faz circular outros modos de dizer, organizar, indexar e significar as “coisas a saber”, promovendo a heterogeneidade como grande moeda de troca na rede eletrônica. Foi possível notar que na malha digital há diversos arquivos inscritos pelo sujeito enovelados em uma justaposição de tantos outros arquivos, que emergem sentidos plurais e ordenados ao sabor do quanto a memória discursiva permite ao sujeito dizer de si e do outro; dessa forma, podemos dizer que de tantos movimentos contraditórios e de tantas tensões é feita a rede, marcada também pelo seus nós e seus furos.

## Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Presença: Lisboa, 1974.

AQUINO, Maria. Clara. Hipertexto 2.0, folksonomia e memória coletiva: um estudo das tags na web. **E-Compós**, Brasília, v. 9, p. 1-15, 2007.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. Fala múltipla: aspecto retórico, lógico, enunciativo e dialógico. **Revue de Linguistique, Paris**, Centre de Recherche de l' Université de Paris VIII, 1982.

BARRERO, Vanesa.; SEOANE, Catuxa. **Anotaciones publicadas sobre folksonomías y tagging**. Deakialli DocuMental, 2006. Disponível em: <<http://www.deakialli.com/category/folksonomia-y-tagging/>>. Acesso em: 05 abr. 2008.

BLATTMANN, Úrsula; SILVA Fabiano. Couto. Corrêa. Colaboração e interação na Web 2.0 e Biblioteca 2.0. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v.12, n.2, p. 191-215, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/viewarticle.php?id=242>>. Acesso em: 20 jun. 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Volume 1. Tradução: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATARINO, Maria. Elisabete; BAPTISTA, Ana. Alice. Folksonomia: um novo conceito para a organização dos recursos digitais na Web. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 8, n. 3, jun. 2007. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/jun07/Art\\_04.htm](http://www.dgz.org.br/jun07/Art_04.htm)>. Acesso em: 15 jun. 2008.

COUTINHO, Clara.Pereira. *Del.icio.us*: uma ferramenta da Web 2.0 ao serviço da investigação em educação. **Educação, formação & tecnologias**; vol.1, n. 1, p. 104-115. Disponível em: <<http://eft.educom.pt>>. Acesso em: 28 jun. 2008.

DEL.ICIO.US. Disponível em: <<http://del.icio.us/>>. Acesso em: 02 novembro de 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1997.

GOLDER, Scott; HUBERMAN, Bernardo. Usage Patterns of Collaborative Tagging Systems. **Journal of Information Science**, Palo Alto, v. 32, n. 2, p. 198-208, 2006.

GOMES, Hagar Espanha; CAMPOS, Maria. Luiza. Tesouro e normalização terminológica: o termo como base para intercâmbio de informações. **DataGramZero** - Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 6. 2004. Disponível em: <[http://www.datagramazero.org.br/dez04/F\\_I\\_art.htm](http://www.datagramazero.org.br/dez04/F_I_art.htm)>. Acesso em: 05 jun. 2008.

GOUVEA, Cleber; LOH, Stanley; GARCIA, Luis Fernando. Folksonomias: identificação de padrões na seleção de tags para descrever conteúdos. **RESI: Revista Eletrônica de Sistemas de Informação**, Florianópolis, v. VI, p. 1, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: \_\_\_\_\_; BARONAS, R.. (orgs.). **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. São Carlos: Claraluz, 2000.

JUNG, Hyun-oh; SON, Min-shik; LEE, Kun-pyo. **folksonomy-based collaborative tagging system for classifying visualized information in design practice**. Human interface and the management of information. Methods, techniques and tools in information design. Korea: Springer Berlin, 2007.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. **Indexação e resumos: teoria e prática**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

MATHES, Adam. **Folksonomie: cooperative classification and communication through shared metadata**. Illinois, Dec. 2004. Disponível em: <<http://www.adammathes.com/academic/computer-mediatedcommunication/folksonomies.html>>. Acesso em: 20 maio 2008.

MAURISSENS, Isabel de. **Folksonomy: una classificazione sociale del web**. Dal caos originario

ai frutti della collaborazione. IR-Innovazione e Ricerca. 2006. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/archive/00007574/>>. Acesso em: 25 maio 2008.

MONTERO, Hassam. Yusef. Indización Social y Recuperación de Información. **No Solo Usabilidad journal**, Madrid, n. 5, 2006. Disponível em: <[http://www.nosolousabilidad.com/articulos/indizacion\\_social.htm](http://www.nosolousabilidad.com/articulos/indizacion_social.htm)>. Acesso em: 12 abr. 2008.

MOREIRA, Vivian. Lemes ; ROMAO, Lucília Maria. Sousa. . Weblog, a inscrição da heterogeneidade e do sujeito na rede. **Linguasagem**, São Carlos, v. 2, p. 1-15, 2008. Disponível em: <[http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao02/02ai\\_vlmlmsr.php](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao02/02ai_vlmlmsr.php)>. Acesso em: 05 jun. 2008.

MST: Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/mst/listagem.php?sc=72>>. Acesso em: 10 maio 2008.

OLIVEIRA, Maria Regina Momesso. Blogs educacionais na Cibernídia. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUISTICOS (GEL), 55., 2007, Franca. **Anais...** Franca: Grupo de Estudos Lingüísticos (GEL), 2007.

O'REILLY, Tim. **What is Web 2.0 - design patterns and business models for the next generation of software**. CA: O'Reilly Publishing, 2005. Disponível em: <<http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>>. Acesso em: 20 abr. 2008.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Pontes: Campinas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

\_\_\_\_\_. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni. **Gestos de leitura** (org.). Campinas: Unicamp, 1994.

\_\_\_\_\_; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise de Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1990.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0, **E- Compos**, Brasília, v. 9, p. 1-21, 2007.

RIBEIRO, Daniel Melo. Personalização e colaboração na Web 2.0: novos caminhos para a Arquitetura da Informação. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO - EBAI, 1., 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Encontro Brasileiro de Arquitetura da Informação - EBAI, 2007. Disponível em: <<http://www.encontroai.org/viewabstract.php?id=20&cf=1>>. Acesso em: 06 nov. 2007.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; BENEDETTI, Cláudia. A navegação do sujeito no discurso jornalístico impresso e eletrônico. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 22, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/versoereverso/article/view/5757>> . Acesso em: 10 jul. 2008.

TECHNORATI. Disponível em: <[www.technorati.com/](http://www.technorati.com/)>. Acesso em: 12 ago. 2007.

VAN AMSTEL, Frederick. Folcsonomia: vocabulário descontrolado, anarquitectura da informação ou samba do crioulo doido?. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO, 1., 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Encontro Brasileiro de Arquitetura da Informação, 2007. Disponível em: <[http://www.usabilidoido.com.br/folcsonomia\\_vocabulario\\_descontrolado\\_anarquitectura\\_da\\_informacao\\_ou\\_samba\\_do\\_crioulo\\_doido.html](http://www.usabilidoido.com.br/folcsonomia_vocabulario_descontrolado_anarquitectura_da_informacao_ou_samba_do_crioulo_doido.html)>. Acesso em: 20 nov. 2007.

VANDER-WAL, Thomas. **Folksonomy book in progress**. Vanderwal.net. Disponível em: <<http://www.vanderwal.net/random/category.php?cat=153>>. Acesso em: 02 dez. 2007.

WANG, Xiaoyue; BAI, Rujiang; LIAO, Junhua. **Chinese weblog pages classification based on folksonomy and support vector machines: autonomous intelligent systems: multi-agents and data mining**. China : Springer Berlin / Heidelberg, 2007.

ZANAGA, Mariângela; LIESENBERG, Hans. Kurt. Autoria e compartilhamento social: a criação de conteúdos na internet. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, fev. 2008. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/fev08/Art\\_05.htm](http://www.dgz.org.br/fev08/Art_05.htm)>. Acesso em: 15 maio 2008.

## It is Del.icio.us to be on the Internet: subject-navigators' ideology and discourse

### Abstract

This paper aims to discuss the new organization ways of the digital resources enrolled by the subject-navigator in the electronic network. We present the new term folksonomia, which is the translation of the term folksonomy – a neologism created by Thomas Vander Wal with the junction of the words folk and taxonomy. The word appears in the context of the web 2.0, which is characterized by the organization and amplification in the ways of production of sayings and files by the subject in the digital web. Starting from the conceptual presuppositions of the French stream of Discourse Analysis, we analyze the way the subjects have been installing their voices, producing senses on the Internet starting from the folksonomia. We investigate the electronic discourse production conditions, the ideological marks that make certain senses seem evident and the way subjects try to control the senses of words, forgetting that the latter are beneath and beyond their control.

### Keywords

Folksonomia. Subject. Ideology. Web 2.0. Internet.

## Es Del.icio.us estar en rede: Ideología y discurso del sujeto-navegante

### Resumen

Este trabajo tiene como objetivo discutir las nuevas formas de organización de los recursos digitales inscritas por el sujeto-navegante en la red electrónica. Nosotros presentamos el nuevo término folksonomía, que es la traducción del término *folksonomy*, un neologismo creado por Thomas Vander Wal con la unión de las palabras *folk* y *taxonomy*. El término aparece en el contexto de la web 2.0, que es caracterizada por la organización y amplificación de las maneras de producción de decires y archivos por el sujeto en el tejido digital. A partir de los presupuestos del Análisis de Discurso de filiación francesa, analizamos la manera como el sujeto ha instalado su voz, produciendo sentido en Internet a partir de la folksonomía. Investigamos las condiciones de producción del discurso electrónico, las marcas ideológicas que hacen parecer evidentes ciertos sentidos y la manera como el sujeto intenta controlar los sentidos de las palabras, olvidándose que ellos están más acá y más allá de su control.

### Palabras clave

Folksonomía. Sujeto. Ideología. Web 2.0. Internet.

**Recebido em:**

03 de outubro de 2008

**Aceito em:**

25 de janeiro de 2009



## Expediente

A revista E-Compós é a publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Lançada em 2004, tem como principal finalidade difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de Comunicação, inseridos em instituições do Brasil e do exterior.

E-COMPÓS | [www.e-compos.org.br](http://www.e-compos.org.br) | E-ISSN 1808-2599

Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v.11, n.3, set./dez. 2008. A identificação das edições, a partir de 2008, passa a ser volume anual com três números.

### CONSELHO EDITORIAL

#### Afonso Albuquerque

Universidade Federal Fluminense, Brasil

#### Alberto Carlos Augusto Klein

Universidade Estadual de Londrina, Brasil

#### Alex Fernando Teixeira Primo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

#### Alfredo Vizeu

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

#### Ana Carolina Damboriarena Escosteguy

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

#### Ana Sílvia Lopes Davi Médola

Universidade Estadual Paulista, Brasil

#### André Luiz Martins Lemos

Universidade Federal da Bahia, Brasil

#### Ângela Freire Prysthon

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

#### Antônio Fausto Neto

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

#### Antonio Carlos Hohlfeldt

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

#### Arlindo Ribeiro Machado

Universidade de São Paulo, Brasil

#### César Geraldo Guimarães

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

#### Cristiane Freitas Gutfreind

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

#### Denilson Lopes

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

#### Eduardo Peñuela Cañizal

Universidade Paulista, Brasil

#### Erick Felinto de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

#### Francisco Menezes Martins

Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

#### Gelson Santana

Universidade Anhembi/Morumbi, Brasil

#### Hector Ospina

Universidad de Manizales, Colômbia

#### Ieda Tucherman

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

#### Itania Maria Mota Gomes

Universidade Federal da Bahia, Brasil

#### Janice Caiafa

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

#### Jeder Silveira Janotti Junior

Universidade Federal da Bahia, Brasil

#### João Freire Filho

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

#### John DH Downing

University of Texas at Austin, Estados Unidos

#### José Luiz Aidar Prado

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

#### José Luiz Warren Jardim Gomes Braga

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

#### Juremir Machado da Silva

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

#### Lorraine Leu

University of Bristol, Grã-Bretanha

#### Luiz Claudio Martino

Universidade de Brasília, Brasil

#### Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Universidade de São Paulo, Brasil

#### Maria Lucia Santaella

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

#### Mauro Pereira Porto

Tulane University, Estados Unidos

#### Muniz Sodre de Araujo Cabral

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

#### Nilda Aparecida Jacks

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

#### Paulo Roberto Gibaldi Vaz

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

#### Renato Cordeiro Gomes

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

#### Ronaldo George Helal

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

#### Rosana de Lima Soares

Universidade de São Paulo, Brasil

#### Rossana Reguillo

Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores do Occidente, México

#### Rousiley Cell Moreira Maia

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

#### Sebastião Carlos de Moraes Squirra

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

#### Simone Maria Andrade Pereira de Sá

Universidade Federal Fluminense, Brasil

#### Suzete Venturilli

Universidade de Brasília, Brasil

#### Valério Cruz Brittos

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

#### Veneza Mayora Ronsini

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

#### Vera Regina Veiga França

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

### COMISSÃO EDITORIAL

Ana Gruszynski | Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rose Melo Rocha | Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

#### CONSULTORES AD HOC

Alexsandro Galeno Araújo Dantas | Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Isaltina Gomes | Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

João Luis Anzanello Carrascoza | Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Malena Segura Contrera | Universidade Paulista, Brasil

Marcia Benetti | Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Maria Aparecida Baccega | Universidade de São Paulo, Brasil

Vander Casaqui | Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Virginia Pradelina da Silveira Fonseca | Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

REVISÃO DE TEXTO E TRADUÇÃO | Everton Cardoso

ASSISTÊNCIA EDITORIAL E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA | Raquel Castedo

### COMPÓS | [www.compos.org.br](http://www.compos.org.br)

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

Presidente

#### Erick Felinto de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

erickfelinto@uol.com.br

Vice-presidente

#### Ana Sílvia Lopes Davi Médola

Universidade Estadual Paulista, Brasil

asilvia@faac.unesp.br

Secretária-Geral

#### Denize Correa Araújo

Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

denizearaujo@hotmail.com